ANNO I RIO DE JANEIRO N. 7

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.A.

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Urbano Duarte, Antão Silverio, Lauro Sodré,
Paulo Marques e M. Valladão

JULHO DE 1878

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

4171
52

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — Revista da Sociedade Phenix Litteraria. — O Christianismo não agonisa? — O supplicio de um poeta. — Poesias: O meu ideial, A tempestade, Soneto. — Chronica. — Rectificação.

Revista da sociedade Phenix Litteraria

Sob os mais lisongeiros auspicios entra a *Revista* no segundo periodo de sua existencia.

Bem acolhida pela imprensa da côrte e de algumas provincias do imperio, assim como por aquelles que se dignaram honral-a com suas assignaturas, só deveramos neste momento ter motivos de orgulho e de reconhecimento; de orgulho para nós e para a sociedade de que somos orgão, e de reconhecimento para todos os que nos animaram a continuar na senda tão brilhantemente traçada pelos nossos predecessores. Mas devemos ser francos: A *Revista* acaba de passar por uma transição da qual depende nada menos do que o seu destino futuro.

Confiada a uma nova commissão de redacção, composta, quasi que na sua totalidade, de moços noveis nas lides da imprensa, comprehende-se quão enorme é a responsabilidade que pesa sobre esta commissão.

Com effeito ; tomar-se a direcção de uma empresa qualquer que vem de ser fundada e mantida n'um estado prospero por pessoas de reconhecida capacidade, e continuar a mantel-a no mesmo pé — é tarefa que exige não pequenos esforços, mormente quando se trata de emprezas jornalisticas e de jornaes que se occupam exclusivamente de assumptos litterarios ou mesmo scientificos. Estes, sobretudo, estão mais sujeitos á influencia perniciosa do indifferentismo que predomina entre nós por tudo o que concerne á materia de instrucção.

Não entraremos aqui em detalhes sobre a causa primordial desse indifferentismo : Ella é bem conhecida, e já tem sido estudada por aquelles que de coração se interessam pelo progresso desta parte d'America que é nossa patria.

Lamentando-a profundamente, appellaremos, entretanto, para o ultimo resenceamento da população do imperio : Por elle ver-se-ha que no quadro do desenvolvimento intellectual do povo brasileiro o que menos ha é luz ! Em compensação (triste compensação !) temos mais do que sombra — temos trevas !

Por esta e outras causas nos sentimos opprimidos sob o peso da responsabilidade que assumimos, tanto mais quando sobrepujando-as sempre, a *Revista* conseguio até hoje manter-se desassombrada na arena do jornalismo brasileiro , sendo isto em grande parte devido ao merito da commissão de redacção que nos precedeu.

Conseguiremos nós outro tanto ? Desejos e boa vontade não nos faltam : O que estiver ao nosso alcance, será feito.

Liga-nos á commissão transacta um élo : Oxalá nos ligue elle tambem ás glorias conquistadas pela dita commissão, e nos julgaremos bem felizes se, imitando-a, conseguirmos o desempenho do mandato de que nos achamos incumbidos.

Para isto, era escusado dizel-o, contamos com a benevolencia dos nossos collegas da imprensa e do publico em geral.

A Redacção.

O christianismo não agonisa ?

(Conclusão)

E' tempo de pormos termo á tarefa que nos impozemos e saldarmos o compromisso que contrahimos.

Continuando a suppôr que a defesa de uma causa caduca *não está nas raias do possivel*, tomamos a liberdade de proseguir em nossas considerações *currente calamo* acerca do artigo do nosso eloquente collega Rodolpho Paixão.

Começaremos entretanto pedindo ao collega que permitta que arredemos de sobre nós qualquer de suas allusões aos discipulos de Augusto Comte. Em primeiro logar não é com este caracter que nos apresentamos, nem podemos ainda confessar-nos tal. Em segundo logar não cremos que qualquer discipulo do grande philosopho, do apreciador profundo ouse macular suas cinzas, negando em seu nome a influencia benefica exercida a bem do progresso e da civilisação pelo Christianismo; quando é certo, pelo contrario, que ninguem mais do que elle teceu mais esplendida grinalda de goivos á tão illustre moribundo.

Continuando hoje, cumpre-nos tomar em consideração a primeira parte do escripto de nosso illustrado collega, á quem temos a honra de refutar. Em nosso primeiro artigo mostramos já, e mostramos com o juizo abalisado dos grandes mestres, que todas essas multiplas crenças theologicas, de que o Christianismo careceu lançar mão para constituir-se vigoroso e pujante durante esse longo periodo de luctas constantes, e assegurar o desempenho de sua alta missão social; hoje, em face das sciencias positivas, nada mais são do que um embaraço anteposto á marcha da civilisação, uma nuvem negra, que, espancada pelos raios brilhantes da philosophia moderna, não sombreará de certo o horisonte do futuro.

E permitta-nos o collega que abramos aqui um parentheses para declarar-lhe que não o consideramos como o christão sincero e verdadeiro.

Longe d'isto, para nós só ha no defensor do Christianismo um puro e simples *deista*. Não é o christão profundo e convicto que transparece n'aquellas paginas brilhantes.

Com effeito: o collega resume na defesa de um só dogma, toda a sua defesa da parte dogmatica da religião christã.

E conclue d'ahi que quanto ao dogma *não ha ainda o preconisado antagonismo*. Mas, consentirá que lhe lembremos que não é de um só élo que se compõe a emaranhada cadêa dos dogmas do Christianismo.

De modo algum. Crer em Deus, e tão somente em Deus, não quer dizer ser christão. Accresce uma circumstancia muito notavel ainda. E' que o Deus de quem nos falla o collega, um Deus puramente subjectivo, um ideal, uma ficção, está longe de ser o Deus dos christãos. O Deus dos christãos não é um ideal, *synthese de todas as qualidades perfeitas e infinitas*; é sim um ente supremo, creador e regulador do Universo, principio de todas as cousas, que arrancou o mundo do nada, e o homem do barro, animando-o com o seu halito divino, incutindo-lhe uma alma. E' este o Deus de Moysés, é este o Deus do filho de Maria, é este o Deus de Leão XIII e o Deus dos christãos. E' este o Deus de S. Paulo e o Deus do *Genesis*. Esse Deus subjectivo de que nos falla o collega não é o mesmo que esculpio as taboas da lei no cume do Sinai, que appareceu na sarça ardente do Horeb, e por cuja graça Maria conservou-se virgem mesmo depois do parto.

O Deus do meu collega é simplesmente o Deus dos metaphysicos.

Consentirá sem duvida que lhe cite duas palavra do profundo escriptor brasileiro, que lá de Jacarehy solta aos quatro ventos o estandarte sublime da philosophia moderna e faz ouvir a palavra da verdade.

Eu chamo para ellas a vossa attenção. Eil-as: « Para a theologia, isto é, para o verdadeiro christão, a fé se funda sobre a revelação, as prophecias e os milagres. O Deus dos catholicos é um Deus *pessoal*, concreto, objectivo; é um Deus de carne e osso. A theologia dá a existencia de Deus como um facto objectivo que se impõe á razão. . . . . .

. . . . . .

Para melhor esclarecer o espirito do leitor diremos que a theologia crê sem discussão na revelação, nas prophecias e nos milagres; a methaphysica não crê na revelação, nas prophecias nem nos milagres. » (1)

(1) Dr. Barreto. *As tres philosophias.*

Esta digressão foi tão somente para mostrar que o meu collega é o defensor de uma causa que não é propriamente a sua. Defender o christianismo, e defendel-o em sua integridade, é defender toda essa cadêa interminavel de milagres, cujos elos se quebram ao mais pequenino esforço da razão.

Assim nós aceitariamos a defesa como oriunda de um filho extremado, que busca salvar dos braços da morte o pai moribundo.

Não negamos uma só vez, durante a demorada discussão da presente these, a influencia que o christianismo exerceu na marcha da civilisação. E longe disto dissemos sempre, e repetimol-o agora, que o christianismo cahia, mas cahia coberto de louros, como o luctador encanecido e alquebrado, que cede o campo ao heróe vigoroso que vem succedel-o; cahia, mas cahia envolto em sua longa e sublime mortalha.

Se isto é exacto, não será de nossas *garras empolgadoras* que o collega virá salvar a *preciosissima joia*.

E nem podiamos pensar de outro modo, nós, que ainda hoje ouvimos a palavra eloquente do Apostolo das gentes, que era como uma *revolução de fogo, que ateava todas as imaginações*.

Basta compulsar as paginas da historia: basta de percorrer a longa successão de dezenove seculos, avassalar mil e oitocentos annos, e esbarrar ante o quadro negro, o espectaculo assombroso, que offerecia a humanidade. O mundo era um cahos. Roma estendera o seu predominio por sobre todos os povos, que gemiam oppressos. A moralidade era pó. A mulher aviltada e condemnada a servir simplesmente de pasto á paixão do homem.

Era a *mulher paixão, a seducção material, a nua estatua da formusura*. (1)

E a sociedade sem familia era um edificio sem base. O filho era repudiado pelo pai, e a esposa lançada do lar pelo capricho e pela phantasia do conjuge. E que diremos nós ao escutar o gemido doloroso das victimas no Amphiteatro? Que diremos do miserando escravo, que era cousa e não pessoa; o escravo, a quem a sociedade negava os fóros de homem; que era entregue ao furor indomito das féras?

---

(1) D. A. da Costa. *O Christianismo e o Progresso*.

«Com o intento de engordar as féras nas quintas de recreio, atirava-se com elles para dentro das jaulas (1).

E foi nessa época de trevas que surgiu o sol do christianismo; e foi n'esse cahos profundo que se fez a luz. O christianismo rehabilitou a mulher. O dogma da virgindade foi, na phrase de um escriptor brasileiro, a arca santa em que se salvou a mulher.

Santificava a mulher esposa e a mulher mãi. Não era a seducção material, não era a mulher-paixão.

O lar transformava-se em sanctuario, e o filho sorria candido recebendo na fronte o osculo materno e a benção paterna. Os pequenos tinham sido elevados: *senite parvulos veniread me*. As cadeas negras da escravidão enfraqueciam-se e quebravam-se quando S. Gregorio bradava: Escravo! esta palavra ataca directamente o creador. » Hasteou o estandarte da fraternidade. Todos os homens eram filhos da mesma familia, a grande familia humana.

Não desconheço nada d'isto, meu illustre collega. Não o nego hoje, nem o neguei jamais. E entretanto persisto em affirmar-vos que o christianismo agonisa, e que a vossa causa é a causa do passado.

Deveras o é.

Quando Roma apoz haver subido ao fastigio da gloria e do poder envolta nos trophéos vencidos de todas as nações;

Quando Roma depois de ter submettido a Grecia, arrasado Carthago, e visto seus estandartes faustosos tremularem lá nas regiões do oriente, e em todo o occidente, rolava esphacelada os degráus do seu throno nos braços dos Nero, dos Caligula, dos Heliogabalo e dos Domiciano: é que a humanidade tinha attingido uma nova phase. Era a lei eterna e immutavel. As nações sacudiam o seu jugo, e os povos *barbaros* se constituiam estados. Era um periodo novo na marcha historica do grande ser collectivo. Ia começar esse longo decurso de tantos seculos, a idade média. Havia a organisação temporal, e havia a organisação espiritual.

Os estados se constituiam e o grito da liberdade se fazia ouvir.

Feudalismo e christianismo.

---

(1) D. A. da Costa. *O Christianismo e o Progresso.*

Dois instrumentos poderosos, duas armas decisivas do progresso, dois elementos pujantes de civilisação.

Mas eram duas armas complementares, que não se desassociaram jamais.

E' o que nos ensina a historia.

Mais do que eu sabe-o sem duvida o collega que tem compulsado com Augusto Comte as paginas do grande livro da humanidade: o christianismo era simplesmente um instrumento historico. A lei era a evolução social. A escravidão romana devia necessariamente transformar-se na servidão feudal.

A guerra offensiva, a guerra de conquista devia transformar-se em guerra defensiva até a organisação definitiva dos barbaros, até a iniciação da phase industriosa e pacifica á que devia attingir a humanidade com o decorrer dos seculos.

A familia, vós o sabeis, foi solidamente constituida pelo feudalismo.

A vida concentrada do Castello estreitou os laços de familia e o cavalleiro dedicava-se *á Deus, á senhora e ao rei*. O Feudalismo trazia em si principios profundos de moral social ou domestica, que lhe *eram intimamente proprios*.

Essa moral universal pregada pelo Chrystianismo era o fructo da elaboração dos seculos. Vinha da moral nacional e militar. O chrystianismo foi apenas o orgão que veio consolidal-a.

« A gloria social do Catholicismo, diz Augusto Comte, a que lhe merecerá o reconhecimento da humanidade mesmo quando as crenças theologicas não existirem mais senão como lembrança historica, consistio em desenvolver e regularizar quanto possivel esta feliz tendencia natural, que elle não teria podido crear; seria exagerar da maneira mais viciosa a influencia geral, infelizmente tão fraca, das doctrinas quaesquer sobre a vida real, individual ou social, attribuir-lhes a propriedade de modificarem com um tal grão o modo essencial da existencia humana ».

Mas, como a organisação temporal, a organisação espiritual da idade média era essencialmente transictoria. Uma e outra tinham em si mesmas os germens de sua decadencia e futura ruina.

Confessamol-o pois: o Chrystianismo pregou principios santos e beneficos que acceleraram a marcha da humanidade. Mas o corpo doctrinario do Chrystianismo era um edificio firmado sobre uma base que caio delida pelo tempo, que foi arruinada lenta e gradualmente pela rasão humana durante esse periodo de 5 seculos, que o grande philosopho intitula a — idade critica.

Persistireis em crer que o Chrystianismo pode ficar de pé, quando vós mesmo confessaes a sua decadencia mental?

Quereis porventura separar a ordem intellectual da ordem moral, e garantir a estabilidade de uma em face mesmo da ruina total da outra?

Eu peço-vos ainda permissão para citar-vos a passagem seguinte do grande philosopho: Uma vã e superficial apreciação faz pensar hoje, depois mesmo da decadencia do systema religioso, que o monotheismo teria podido ou poderia ainda subsistir, de maneira mesmo á sempre servir de base moral á ordem social; mas esta chimera philosophica é aqui refutada de ante mão pelo conjuncto do nosso exame da organisação catholica, onde nós reconhecemos quanto era verdadeiramente indispensavel á sua efficacia social, cada uma d'estas numerosas condições de existencia de tal modo solidarias, que a ausencia de uma só devia arrastar a quéda ulterior de todo o edificio, ao mesmo tempo que nós implicitamente estabelecemos a natureza precaria e transitoria da maior parte d'entre ellas. » (1)

Quereis porventura desenrolar diante de nós o quadro explendido da mansão dos bemaventurados; ou o espectaculo tenebroso das caldeiras do inferno, hoje, quando os mais esforçados defensores do Chrystianismo affirmam que Deus é *simplesmente um ideal?*

Vireis ainda prometter em recompensa á virtude um céo de felicidades e gozos eternos? Vireis espancar as trevas e impedir a corrente do vicio com o espantalho do inferno, e os supplicios do purgatorio?

Mas como, si sois o primeiro á confessar que tudo isto é um puro ideal? Como, si sois o primeiro a confessar que Deus não é um ente real? Bem vedes que neste ponto quasi nem ha entre nós grande distancia. O vosso Deus é um sonho de poeta. E si assim é, como persistis em affirmar que

(1) Augusto Comte. *Philosophia positiva*, vol. V.

a philosophia chrystã, que é a phylosophia theologica, *zombando da onda impetuosa de inimigos formidaveis, não abandonará tão facilmente os arraiaes de suas bellas conquistas, e com elles a ultima esperança d'aquelles que entrevêm alguma cousa de absoluto e immutavel, atravez a contigencia da materia?*

E entretanto, meu collega, é em nome d'esse vosso ideal que se condemnam as verdades da sciencia positiva?

E' em nome d'esse vosso ideal que os grandes sabios são arremessados ás fogueiras da inquisição. E' em nome de vosso ideal que a Igreja Catholica condemna as verdadeiras obras scientificas porque minam mais e mais os seus alicerces, e que S. Agostinho, espirito eminente e culto, combate os raciocinios mathematicos.

E nem queirais dizer que o verdadeiro chrystão sois vós, que rejeitando os dogmas, acceitaes apenas os principios doctrinarios da religião chrystã. N'este caso só tereis uma arma imprestavel, um edificio arruinado. Disse-vos ha pouco que entre nós não havia grande distancia. Lembro-me de reconsiderar a minha frase. E vejamos porque. E' certo que temos um ponto de analogia em nosso modo de pensar. Eu e vós, negamos ambos a efficacia social dos dogmas do chrystianismo, pois que sois o primeiro á confessar que Deus é um ideal. Agora a distancia que nos separa. Em quanto vós ficaes d'este modo com uma moral sem base; eu quizera que adoptasseis uma nova base, o amor do grande ser, o amor da humanidade.

Emquanto pregaes acima de todas as cousas o amor à um mytho, eu quizera que pregasseis o amor á humanidade, que é um ser muito real. Emquanto ordenais acima de tudo a dedicação á Deus, eu quizera que ordenasseis a dedicação á grande causa do genero humano. Emqnanto o vosso Chrystianismo aconselha aos crentes fervorosos, que não à vós, a convergencia de todos os seus exforços por ganhar a morada bemdita, eu desejava que se pregasse a dedicação e o trabalho em beneficio da humanidade, com o fim unico de lhe ganhar o reconhecimento eterno.

Emquanto zombando da credulidade do povo, os adeptos, de vossas doctrinas pregam e espalham o erro, eu quizera que pregassem e espalhassem os principios santos da sciencia.

E, meu collega, o peior de todos os methodos de argumentação é sém duvida esse de bradar *urbi et orbe* que são crenças recebidas de nossos pais e de nossos avós.

Seria a lei do *statu quo*, a negação de todo o progresso.

O proprio Christo, que eu e vós tanto admiramos, rompeu com todas as tradicções do passado; attacou a rotina e lutou com os elementos de que ella dispõe.

E foi só depois de uma luta titanica que o Chrystianismo se firmou sobre as ruinas da idolatria.

E, por mais que digaes, é patente a decadencia da instituição Chrystã, é visivel e é proxima a sua total ruina.

Não ha negar. Vós proprio o confessaes em vosso artigo, porque apezar de *chrystão extremado*, que corre em defeza de suas crenças alluidas, não vos achais com coragem bastante para defender o conjuncto dos dogmas do Chrystianismo.

E é por isto que continuo á garantir-vos que o Chrystianismo agonisa.

Rio, 1878.

LAURO SODRÉ.

O Supplicio de um Poeta

(FANTASIA COMICA)

A lyra de Amphion despedia magicos accordes pelos quaes as pedras uma á uma moviam-se afim de se formarem na muralha thebana.

Eu quebrarei as cordas da bandurra até o dia em que te vir surgir sob teu aspecto real e humano — oh! deidade dos magos ideiaes, almo fanal dos sonhos de poeta, que em arrufo divino me foges sempre, sempre, sempre.....

Tambem me persegues com tantalico desejo — oh! febril visão das noites mussenianas, esquiva sereia que H. Heine

entrevio no fundo do mar, Haydéa mysteriosa que havias de morrer commigo n'um raio da lua amorosa e languida...

. . . . . .

∴

Por esse introito vê-se que é um poeta ideialista quem falla. Ideialista piegas d'agua doce, seja, mas nem por isso deixa de conter n'alma um abysmo de sentimentalismo illuminado por todos os reverberos do ideial. Toma a liberdade de confeccionar esse *capricho*, no qual esparzio seus pezares ao som do alaude e da gaita de folles; n'elle canta a sua—Ella ideial, a grande—Ella-Subjectiva, a mesma que o illustre choramingas Luiz de Campos costuma celebrar em seus alexandrinos magestosos.

Sim. Expio tambem esse amor impossivel, que hade me levar á sepultura.

De minha Eleonora immaterial só sei que tem os cabellos loiros e que tem os olhos azues;—mas de um loiro que deslumbraria o Olympo, mas de um azul que faria o céo empallidecer de inveja, que faria o mar bramir de ciumes...

∴

Como se me revelaste, como descobri-te, oh! madona de meus pensamentos, oh! namorada impossivel que assim me persegues incessantemente? Foi n'uma d'essas grandes visões de poeta, n'um d'esses estados de beatitude sobrehumana, n'um d'esses inneffaveis espasmos que só os trovadores de raça sentem e comprehendem. (Appello para elles, os meus confrades do mundo da lua.) Sim, um dia, quando não sei, emquanto devaneiava os meus pensares á tôa no tempo e no espaço, tu, em divinal capricho, sahiste donosa e fascinante de entre as brumas de meus pensamentos; e com um sorriso que era o céo, embalaste-me a cabeça no teu collo... mas, quando começava á inebriar-me com o perfume que d'elle se exhalava—essencia de todas as flôres combinadas n'uma perfumaria encantada—, quando o divino torpôr começava a invadir-me, tu, atacada immediatamente d'esse terrivel spleen que satura-nos no rodapé da existencia e que nem aos immortaes respeita, desprendeste bruscamente a minha cabeça e correste pressurosa para o teu nicho ideial nos páramos inaccessiveis da imaginação.

Desgraça. Marcado fatalmente com essa paixão insensata, indefinida, sem rasão de ser, a minha vida d'esde então tem sido um verdadeiro supplicio. Estremecimentos subitos, vibrações electricas, tedios, dissabores e um personagem lóbrego e ricanante á seguir-me pelos calcanhares qual tetrica sombra—o Ridiculo.

* * *

Aqui, alli, acolá, em todas as circumstancias e sob todos os pretextos, vivo amofinado, mystificado, embelecado e chacoteado por tua causa, oh! deidade cruel e impassivel. Feliz será o dia em que fôr recolhido ao hospicio de loucos como poeta mentecapto!... Uma tarde engraxava as botas no angulo de uma praça publica. Eis se não quando julgo reconhecer-te nos olhos luminosos de uma lindissima donzella que reclinava-se indolentemente no fundo de um luxuoso coupé.

E eis-me electrisado, desvairado, seguindo o seu carro n'um accelerado ultra-comico, com uma bota já lustroza e outra côr de burro fugido... E os gaiatos á rirem-me no nariz e o engraxador de escova na mão á macarronear-me, grunhindo: « *mà per Bacco, signori, lasciate finire la besogna!!* »

Ah! és cruel, cruel, cruel!...

* * *

Outra vez julguei-te perceber nas louras tranças de uma deusa dos lupanares fluminenses. A questão era de dinheiro, bem o sei, mas eu não o possuia. Contemplei-a extasiado durante muito tempo, mas ella nem se quer me deu um olhar para abandonar-se voluptuosamente nos braços de um volumoso individuo, carregado de notas do banco, rubicundo, a libidinagem em pessoa, achatado para os pólos e para o Equador, mesmo quadrado.

Eu, nem ao menos podendo afogar minhas magoas no fundo de uma taça espumante, recolhi-me ao meu triste cubiculo e recorri á uma bebida mui modesta, amiga infallivel de todos os pobres diabos (inclusive os vates incomprehendidos e incomprehensiveis.) E o alcool transportou-me ao setimo céo dos pobres diabos, n'esse céo em que todos os gatos são pardos, quero dizer—onde tira-se partido de tudo, até mesmo dos desares e caiporismos da vida... Não sei se me entendem.

E até tu, impossivel de meus sonhos, sorrias-me, qual à Joconda do immortal Leonardo, com um sorriso de sereia, escondida em teu nicho ideial, por entre a bruma de meus loucos pensamentos...

* * *

Outra occasião, em noite hibernal, estava eu de bilhete de sereno, defronte de um esplendido palacio onde a walsa turbilhoava entre flôres, luzes e harmonias.

Pareceu-me lobrigar-te na figura de uma joven coberta de sedas e brilhantes, a qual walsava com um sugeito impertigado, encasacado, engommado e além de tudo com *costelletas* e *pastinhas!*... Oh! ciume! oh! inferno! Como de bom grado esganaria o quidam de *costelletas* e *pastinhas!* oh! inferno!

Mas isso foi uma visão, mas foi uma miragem, mas foi uma chimera!... Fiz todos os esforços para tornar á ver a joven, mas foi-me impossivel. Todos riam-se de mim e mandavam-me tomar fresco.

No dia seguinte a minha primeira ideia foi ir ao barbeiro confeccionar umas *costelletas* e umas *pastinhas*, afim de tentar te seduzir e chamar á mim, oh! Beatriz do céo de minhas illusões incorrigiveis! O resultado foi uma furiosa vaia dos amigos e uma pifia desillusão. E longe de emendar-me com tão amarga lição, um mez depois, achando-me (não sei como) provido de dinheiro em *abundancia*, entendi que deveria transformar-me em *dandy*, em janota, em elegante, afim de ver se assim conseguia desencantar-te de uma vez. Oh! essa devera ser cantada em alexandrino de 15 syllabas. Dirigi-me pois á um alfaiate famigerado e encommendei um vestuario que exprimisse as mais rigorosas exigencias do fashionable e do *recherché*.

Quando se me provava a roupa eu notei que todos, d'esde o proprietario e freguezes até os operarios do fundo da loja, riam-se á socapa e piscavam-se os olhos reciprocamente.

D'ahi ha dias ficou prompta a fatiota, eu encadernei-me n'ella e rebolquei-me durante mais de 15 dias no brilhante *tremedal* do *monde*. O 1.º amigo que me iniciou em seus mysterios levou-me de assalto cem mil réis. Os outros foram dando cabo do resto.

Quando imagino a figura que fiz n'esse estado, a penna

corre n'um fremito de vergonha e traça um *horresco referens*...

Um episodio pungente pôz termo à minha obsessão. Eu conto. Haviam-me mettido em uma intriga amorosa com uma dama, aliás bella, mas que não me havia magnetisado á ponto de fazer-me perder os estribos do senso commum. Acceitei a cousa por distracção e contemporisação. De sorte que toda tarde punha-me eu a passeiar pela frente de sua casa, embrulhado em meu pittoresco e esquipatico vestuario, á estudar todas as especies de *poses* e á tornar-me alvo das risotas surdas dos transeuntes. Ora, n'uma d'estas tardes, emquanto eu fixava o *pince-nez* para as janellas da bella, vi um grosso senhor, provavelmente seu marido, assomar á sacada, em mangas de camisa, olhar-me fixamente e com curiosidade, retirar-se, voltar com a minha bella, cochicharem maliciosamente, gesticularem e rirem-se de novo sarcasticamente. O individuo retirou-se apressadamente, e na volta assestou um enorme oculo de alcance e poz-se a examinar-me e a medir-me com toda a calma. E depois, com hilaridade e em voz alta: «—Soberbo! Soberbo! Impagavel! Exemplar unico! Maravilhoso specimen de animal terciario! oh! oh! oh! na minha collecção não ha d'aquillo!!...

Abalaram-se-me horrivelmente as entranhas do amor proprio, e toda a epiderme inundou-se-me de suores frios, não sei bem se de indignação se de medo.

Oh! que só então tive lucidez de espirito e consciencia do lastimavel papel que me fasiam representar.

Aproveitei-me de um carro que passava, penetrei n'elle soffregamente, fechei hermeticamente as portinholas, corri as cortinas e mandei tocar para casa. Ahi entrei estouvadamente, despi me em um segundo, atirei freneticamente toda a roupa á um carroceiro que passava á conversar com os burros, e anniquilado, escabriado, transido de ridiculo, tentei chorar mas só poude rir-me, e rir-me muito. Quando uma ligeira modorra cerrava me as palpebras e transportava-me ao mundo dos sonhos..... tu lá estavas, oh! causa de todo os meus males, serena, mysteriosa, rodeada de todos os sylphos do amor, lá em teu nicho ideial, por entre a bruma de meus loucos pensamentos....

* * *

Se fosse á contar tudo, se fosse á contar tudo!... mas para que? Só para dar prazer a uma especie de gente que muito se regala com supplicios de poeta?...

Não, a musa dolorida inda tem bastante pudor para abaixar-se á compaixão d'esses desmiolados crueis.

Lembrarei sómente a ultima que me aconteceu. Foi hontem mesmo, em um bond de S. Christovão. Era uma moça branca como o lyrio, suave e intangivel como um beijo que passa de um anjo á outro nas azas do ether, grata como um perfume de violeta á brisa vespertina. Sentava-se no mesmo banco que eu e conchegava-se á seu velho pae com movimento de instintivo receio.

Ao contemplal-a restei prostrado n'uma beatitude sublime, fiquei alienado, absorto, embevecido á tal ponto, que o conductor do bond, rapace como um advogado, aproveitou-se de minha abstracção para cobrar-me tres passagens em logar de uma; e mais cobraria se a diva não apeiasse e eu tambem. Persegui-a activamente, mas o velho, homem decidido, avisou-me formalmente que possuia em casa uma palmatoria para os vadios, e que sua filha era noiva. O que responder á isso?...

Recolhi-me ao meu desolado tugurio, e lá procurei espairecer meus tormentos e meus ardores em uma poesia immortal, na qual se me chrystallisassem as lagrymas. Impossivel. O diccionario de Castillo achava-se emprestado, falharam-me tres rimas, a poesia ficou capenga e eu com a inspiração em pantanas. Velei toda a noite pensando na visão do bond, e quando a aurora surgiu dourando toda a natureza, despertando todas as alegrias do mundo.... dorou-me tambem duas lagrimas que se deslisavam pelo rosto macerado...

* *

E a sphinge ideial continua impassivel, mysteriosa, tranquilla, em seu nicho ideial, por entre a bruma de meus loucos pensamentos.

U.

O meu ideial

(A' Alex. Barreto)

Pallida, mas pallida, como era do Hymêtho
A pedra enregelada que o Phidias cinzelava,
Mais linda que essa virgem gentil de Capulêto,
Mais simples que a Desdemona que o Othelo idolatrava.

Casta, e tão casta, que os anjos lá dos céos,
Tivessem junto d'ella anhelos de pureza !...
Feitura primorosa das mãos puras de Deos,
O typo mais perfeito que vira a natureza!

Sua voz de uma harmonia, de accentos divinaes,
Capaz de commover á monstros insensiveis !...
Uns olhos côr dos céos, gentis, angelicaes,
As fórmas vaporosas dos seres invisiveis...

O cabello côr de ouro, como o tinha a Margarida,
Por sobre o lindo collo, cahindo em linda trança,
Dos homens e do mundo, a viver sempre esquecida
E que a mim, sómente a mim, tivesse na lembrança.

. . . . . .
. . . . . .

Meiguice e innocencia—um todo de candura—,
Que nunca me lembrasse um goso sensual;
Tereis assim sonhado a bella creatura
Em que eu encarnei meu candido ideial.

Pedro Ivo.

A tempestade

(FRAGMENTO)

A' DANTAS BARRETTO

> Após a tormenta, vem a bonança; e o sol que surge depois das trevas de tempestuosas noites é sempre mais fulgoroso.
>
> ***

Medonha ruge a tempestade indómita,
na gruta os échos do trovão reboam;
— O mar s'estorce, qual gigant'em ancias,
e negras nuvens pelo espaço voam;

O vento passa, em torvelinhos rapidos,
fendendo os troncos de vetustas arvores:
— lhe segue o raio, que das nuvens salta,
fundindo o bronze, espedaçando marmores;

Pelo dorso das montanhas ingremes
da chuva as aguas se despenham tumidas;
e, como a serpe resvalando rabida,
s'estendem além — pelas campinas humidas!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Depois, se mostra o firmamento limpido,
o sol prosegue na cerulea esteira;
— Suspira a brisa na folhagem tremula,
de novo adorna-se a natura inteira!

Julho de 1877.

M. VALLADÃO.

Soneto

No divan de setim como dormia..,
Talvez que d'um sonhar no devaneio...
— O cóllo descoberto, o lindo seio...
Acerquei-me de manso : ella sorria...

A boquinha de fada s'entreabria ;
Julguei ouvir palavras de paixão...
Seu corpo era convulso de emoção...
Um suspiro do peito lhe sahia.

Um ai ouvi-lhe á custo soluçado;
— Era como um carpir de jurity,
Um carmo docemente magoado !

Despertou de repente... e eu fugi :
Em flagrante delicto era apanhado,
Offendêra o pudor da minha huri.

1878.

LEOPOLDO CHAVES.

Chronica

Quem diria?

Nós, a mais desenxabida das creaturas que o sol cobre ; que não temos o *sal* do França Junior, a *pimenta* do Ferreira de Menezes, nem tão pouco o *adocicado* de muitos outros que por ahi andam ; nós que não temos nada disto, mettidos a chronista !

E' de mais ! Porém o que querem ?

« *Hai* casos que pódem mais do que as leis.»

Como sabem os leitores, a *Revista* tinha o seu chronista bom, espirituoso, amavel, sympathico.... e isto a tornava feliz ; porém um dia, (ó instabilidade das cousas mundanas!) quando menos esperava, apparece-lhe uma rival toda feiticos, toda *catita*, pisca o olho ao chronista, trava-lhe do braço, *entram por uma porta, sahem por outra* e —adeus chronica !

Imagine-se os apuros da pobresinha para sahir-se da *entaladèla* em que ficou : corre para um, corre para outro, porém todos a se esgueirarem, todos a lhe fugirem !

Afinal, encontra-nos, agarra-nos pela aba do paletot e diz-nos soluçante « Escreva-me a chronica! Escreva-me a chronica!»

Embalde nos escusamos ; embalde lhe fallamos da nossa semsaboria, embalde ameaçamos compromettel-a perante o publico ; tudo foi embalde !

Como ultima taboa de salvação, allegamos a falta de assumpto. « Ora falta de assumpto !!! De-culpa de *papa-terra*! Pois não tem o *Congresso Agricola* ? Não tem a *Camara municipal* ? Não tem o naufragio do *Primo Basilio*, no Cassino ? Não tem o Skating-Rink, com os *resvalamentos* do bello sexo ?

Não tem tudo isto ? Que mais quer ? Fallo de *tudo* e de *todos* : Olhe, com menos coisa o meu velho arranjava a *farófa*. E que *farófa* ! Bom velho !... Ah! seductora !... Ah ! seductora !... »

A' vista de tamanha *choradeira* (maior do que a do Sr. Bezerra de Menezes, no requerimento em que pedia á nova *Edilidade* para tomar conhecimento de seus actos na vereança passada) o que fazer senão tomar a *mascara* e o *dominó* do chronista e, á laia de *princez*, perguntar ao leitor: *Você me conhece ?*

Pois é justamente o que fazemos : Se conhecer-nos, bem ; se não conhecer-nos, é a mesma cousa. Só lhe pedimos que nos respeite o *incognito*, podendo desde já ficar na certeza de que não fazemos *provisão de espirito*.

* * *

Occupemo-nos em primeiro lugar do *Skating-Rink* : Que bom divertimento aquelle ! Como se aprende alli a theoria do equilibrio ! Era justamente do que careciamos, nós, povo e governo, que andamos tão desequilibrados !...

Vê-se alli moços e moças, velhos e velhas *resvalarem* que é um gôsto ! Que lindos *tombos* e que *innocentes* gargalhadas !

E tudo isto sem um *faniquito*, sem o menor desaguisado !

E' admiravel ! Decididamente o Sr. Normanton é o nosso *Messias* promettido !

Viva o *Rink* ! Lá estivemos um dia destes, como simples espectadores : D'entre os que *patinavam*, vimos um inglez de cabellos e barbas côr de capim secco e cara rubra como a casca de um queijo londrino : Oh! este apezar da frieza habitual dos de sua raça, estava de veras enthusiasmado : Sempre que alguem ia de uma extremidade a outra do *Rink*, sem cahir, elle batia palmas e, respeitador do regulamento do Sr. Tito de Mattos, dizia baixinho : « *Very well ! Very well* ! » O *contentamento* porejava-lhe do corpo tresandando á cerveja. De repente, vira-se para nós e, com um aperto de mão que de bom grado dispensavamos, diz-nos : « *what a pleasant place is this! what do you think?* »

Ficamos estupefactos ; mas á vista de tanta *jovialidade*, nós, que sempre fomos *polidos e versados no inglez*, respondemos incontinente ao *bife* : «*It is true, Monsieur, c'est une place très-bom* » e em seguida puzemo-nos ao *fresco*, afim de não *patinarmos* na lingua de Shakspeare.

* * *

Fomos depois assistir á uma sessão do *Congresso Agricola* : Muitas idéas uteis e muitas banalidades ouvimos. Tratou-se até de *espolêtas de eleição* !

Sempre a politica ! E que politica ! Politica mesquinha, tacanha, nojenta, digamos logo. Antes se occupassem do *formicida* do Sr. Capanema.

D'entre os projectos que alli appareceram, chamou a nossa attenção um apresentado pela commissão de lavradores da provincia de S. Paulo, contendo idéas largas, liberrimas, esplendidas, ainda mesmo que o deixem com a restricção do Sr. conselheiro Albino, quanto ao *casamento civil*.

Como era natural, este projecto não *cheirou bem* ao Sr. Vigario de *Campinas*.

Quanto á nós, quizeramos ja vel-o convertido em lei do paiz ; e se conhecessemos os que tomaram parte mais ac-

tiva na sua confecção; diriamos ao Imperador: « Chame-os para o governo; ahi é que se vê *quem tem roupa na mochila.* »

Quem tambem fallou *Bonito* foi o Sr. Barão do *Rio Dito.*

A mesma felicidade não teve o Sr. Dr. Monteiro de Barros, com a sua *negra* idéa de *colonisação Africana.* Não soube *patinar* no *Rink* e a *Guarda Velha*, e por isso projectou-se em regra. Arrrrre! Bem feito, inimigo do apuramento da raça!

*
* *

Segundo os jornaes de *maior circulação*, o *Primo Basilio*, d'Eça de Queiroz, *dramatisado* pelo Sr. Cardoso de Menezes (o pianista) não *patinou* bem no *Rink* do Sr. Furtado.

Mas o joven *aspirante* á dramaturgo não está convencido disto, tanto assim que saltou das columnas do *Cruzeiro* com ares de Jupiter do Olympo, a despedir raios contra os criticos da sua obra. *Aguentem-se no balanço.*

Nós, se tivessemos a honra de conhecer S. S., lhe diriamos: « Outro officio, meu amigo! A sua logica está *anémica* e o seu *protesto* não passa de uma *algaravia*: Delle sómente duas cousas se póde concluir: primeira, que o amiguinho é um *chorão*; segunda, que S. Saraiva é *grego* no *latim* e no *francez*,

Entretanto—console-se; a epocha é de *patinação* e muita genta bôa tem cahido.

*
* *

Está sendo edictado pelo Sr. Garnier o *Nababo*, romance do A. Daudet, autor da *Firma Social Fromont & Risler*, que tão apreciado foi pelo nosso publico. O *Nababo* dizem, fez successo em Paris; se assim é, não podemos deixar de lançar um olhar terno para o Sr. Garnier e dizer-lhe: *Oh! pae das lettras*! lembre-se da *gente.*

*
* *

Muito se tem applaudido o estreitamento das relações commerciaes entre o Brasil e os Estados Unidos; quizeramos que se estreitassem tambem as *relações intellectuaes*, e não nos limitassemos á troca do *café* pela *farinha de trigo*. A litteratura daquelle paiz não nos deve ser desco-

nhecida: Ella é tão rica e tão variada como a de outros povos cultos que mais de perto seguimos. E nem podia deixar de ser assim: O paiz das maravilhas modernas, o paiz que é a sentinella avançada do progresso, que tem uma natureza tão esplendida quão fecunda, que é banhado pelo *Mississipi*, que tem a *Cataracta do Niagara* e tantos elementos de riqueza, este paiz não podia, de modo algum, deixar de ter tambem vultos eminentes nas lettras: Attestam-no as bellas producções de Cooper, Irving, Holmes, Lowell, Longfellow, Mrs. Stowe, etc., etc., etc.

Convém, pois, que a sua litteratura seja conhecida no Brazil, que é seu irmão e seu émulo em riquezas naturaes e que ao *Mississipi* oppõe o *Amazonas* e ao *Niagara*—*Paulo Affonso*: Estudemol-a.

*
* *

Agora duas palavras sobre o infeliz galé que se evadio de *Fernando de Noronha* e que ultimamente nos recambiaram dos Estados Unidos. Foi, na verdade, um segundo Moysés:

Em vez das agoas serenas do *Nilo*—as ondas revoltas do Atlantico;

Em vez da *cesta de Vime*—a jangada de *molungú*;

Em vez da filha de Pharaó—a tripolação de um navio;

Em vez da côrte de Jetharo—a patria de Washington;

Em vez de um Deus, no Horeb—um consul em New-York.

Um consul, sim, e um consul *Salvador!* Mas... um *Salvador* que o perdeu! Pobre Moisés! Quem te mandou pedir para voltar á *terra da promissão?*

Antes tivesseis duvidado da sua existencia! Terias morrido como o Moysés da Biblia, porém ao menos não arrastarias mais a grilheta do condemnado.

*
* *

Basta para firmarmos a nossa incapacidade de chronista. O *mestre* envia saudades e promette apparecer no proximo numero.

Recommenda-nos que durante a sua ausencia vivamos *sem malicia* e não mexamos nas *cousas de casa*.

Como vêm, foi attendido.

M. V.

Agradecemos a remessa dos seguintes jornaes: Gazeta de Campinas — Monitor Campista — Americano — Seculo — Colombo — Illustração Brasileira — Pedro II — Livramento — Violeta — Espirito Santense — Xenios.

Rectificação

No n. 6 desta Revista a pag. 143, linha 28, onde se lê: — canin, lêa-se *cauim*; á pag. 144, segunda linha, onde se lê: — diseste, lêa-se *diser-te*, e, finalmente, á pag. 145, 12ª linha, onde se lê: « Nos doces favos de sorriso teu: lea-se — *Nos doces favos de um sorriso teu.*

Typ. do Imperial Instituto Artistico, rua d'Ajuda 61, chacara da Floresta.

ASSIGNATURA

Anno	6$000
Semestre	3$000
Numero avulso	$500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113